

DO UNISSEX AO “PARA TODOS”: IDENTIDADES DE GÊNERO E USO POLÍTICO DA MODA

*From Unisex to “Para Todos”: Gender Identities and the Political Use of
Fashion*

Meneses, Emerson Silva; mestrando; Universidade de São Paulo,
emerson.meneses@usp.br¹

Vicentini, Cláudia Regina Garcia; doutora; Universidade de São Paulo,
claudiagarcia@usp.br²

Resumo: O artigo tem como objetivo propor uma discussão para pensarmos até que ponto a moda unissex dos anos 60/70 e a moda agênero atual refletem os contextos sociais e pautas políticas de suas respectivas épocas, no que tange às questões de gênero. Argumenta que o fenômeno unissex dos anos 60/70 tinha um papel político ao dialogar com o contexto da revolução sexual e revisão do papel da mulher na sociedade, enquanto a versão atual do fenômeno reflete as discussões atuais sobre movimentos LGBT, visibilidade trans e identidades de gênero.

Palavras-chave: unissex; agênero; movimento LGBTQ.

Abstract: The paper discusses the extent to which the unisex fashion of the 60s and 70s, on one hand, and the genderless fashion, on the other, reflect the social contexts and political patterns of their respective times, regarding gender issues. It argues through documents, images and literature analysis that the unisex phenomenon of the 60s / 70s had a political role in dialoguing with the context of the sexual revolution and reviewing the role of women in society, while the current version of the phenomenon reflects the discussions on LGBT movements, trans visibility, and gender identities.

Key words: unisex; genderless; LGBTQ movement.

¹ Bacharel em Administração pela FEI, com especialização em Criação de Imagem de Moda pelo Senac. Mestrando em Têxtil e Moda pela EACH-USP.

² Engenheira Têxtil pela FEI, com mestrado em Comunicação em Semiótica pela PUC-SP e doutorado em Engenharia Mecânica pela UNICAMP. Professora da EACH-USP.

Introdução

Na passagem entre as décadas de 1960 e 1970 – há cerca de meio século, portanto – a moda que se apresentava como vanguardista era a moda unissex³. No contexto de mudanças trazidas pela revolução sexual, em que os códigos de comportamento relacionados à sexualidade se viam desafiados, a proposta unissex propunha que homens e mulheres dividissem seus guarda-roupas sem maiores diferenciações, e sem cores ou formas reservadas a apenas um dos gêneros. Calças boca de sino, estampas vistosas e cores fortes podiam, igualmente, ser usadas indistintamente por homens e mulheres.

Na segunda metade da década de 2010, há quem defenda que a moda unissex está de volta. Apresentada por vezes com novos rótulos – moda *genderless*, moda *gender neutral*, moda agênero – a tendência se apresenta, em diversos aspectos, como uma retomada daquele fenômeno dos anos 60 e 70.

A moda unissex atual e aquela de meio século atrás certamente têm, como importante ponto em comum, o fato de terem surgido em momentos de questionamento dos papéis socialmente atribuídos aos diferentes gêneros. Os anos 60 eram palco dos movimentos de liberação feminina e de afirmação das ideias de igualdade entre os gêneros. Nos anos 2010 o momento é de luta pela visibilidade de diferentes segmentos LGBT, trazendo à evidência crescentes questionamentos sociais com relação às próprias fronteiras tradicionais de gênero.

Diante disso, este texto se dedicará a debater até que ponto a moda unissex dos anos 60/70, de um lado, e a atual moda agênero, de outro, refletem os contextos sociais e pautas políticas de suas respectivas épocas, no que tange às questões de gênero. Procuraremos argumentar que, se de um lado o fenômeno unissex dos anos 60/70 tinha um papel político ao dialogar com o contexto da revolução sexual e revisão do papel da mulher na sociedade, a

³ “Unissex”; que pode ser usado tanto por homens quanto por mulheres (refere-se especialmente à moda, como tipo de roupa, calçado, corte de cabelo etc.).

versão atual do fenômeno reflete as discussões atuais sobre movimentos LGBT, visibilidade trans e identidades de gênero.

O unissex e a liberação sexual dos anos 60

Na década de 1960, o mundo ocidental vivia a chamada revolução sexual, desafiando os códigos de comportamento tradicionais relacionados aos gêneros. Em parte desencadeada pelo surgimento da pílula anticoncepcional, que catalisou movimentos de liberação feminina, e em parte também pela maior participação da mulher no mercado de trabalho, verificou-se uma forte redefinição no papel da mulher e nos códigos de comportamento social relacionados à sexualidade.

Se, historicamente, homens e mulheres vinham tendo papéis econômicos e sociais marcadamente diferentes, as fronteiras entre esses papéis começaram a tornar-se menos rígidas. O fenômeno se refletiu na indústria da moda: se na vida social as diferenças entre gêneros estavam se tornando obsoletas, não havia por que manter a velha rigidez na indumentária: as roupas dos homens podiam tornar-se um pouco menos “masculinas” e as das mulheres, menos “femininas”.

A subversão e a androginia passaram a ser valorizadas, e se apropriaram tanto do guarda-roupas masculino como do feminino. Yves Saint Laurent ajudou a popularizar essa subversão da moda tradicional, criando o primeiro e icônico smoking feminino (Figura 1).

Conforme notamos na figura 1, a mulher aparece retratada em locação externa, permitindo que sua imagem esteja vinculada a elementos mais masculinos, como a vida noturna, e liberdade comportamental etc. Estes fazem-na flertar ainda mais com uma ideia de androginia.

Figura 1: Smoking icônico criado por Yves Saint Laurent



Fonte: Foto de Helmut Newton / <http://www.icon-icon.com>

No campo das artes, Ziggy Stardust, personagem de David Bowie, ampliou o rompimento de barreiras entre os padrões de feminino e masculino, influenciando a moda e uma geração de jovens que acreditavam nesta ruptura estética. E no campo das artes brasileiro, o cenário não era diferente:

À sua maneira, artistas brasileiros – como Caetano Veloso, o grupo musical Secos & Molhados, com seu vocalista Ney Matogrosso, e o grupo teatral Dzi Croquettes, liderado pelo coreógrafo Lennie Dale –, em sua composição visual e postura cênica, expressaram esse estilo batizado nos Estados Unidos de genderfucker. (SIMÕES e FACCHINI, 2009, p. 75)

Em meio a esse contexto, o termo “unissex” parece ter surgido na indústria da moda por volta de 1969, cunhado, ao que tudo indica, pelo estilista

francês Jacques Esterel, que desenhou naquele ano uma coleção de saias e túnicas (Figura 2) que, ao ser desfilada, em janeiro de 1970, teria deixado 'atônitos mais de dois mil jornalistas especializados vindos de todo o mundo'.⁴

Figura 2: Túnicas criadas pelo estilista Jacques Esterel



Fonte: Agência Farabola/acervo pessoal

Como se vê na figura 2, as túnicas criadas por Esterel destinavam-se a serem usadas – assim como os acessórios que aparecem na imagem – indistintamente por homens e mulheres. Pode-se conjecturar, no entanto, que Esterel apenas incorporava uma tendência que já era visível na época: antes

⁴ O Estado de S.Paulo, 27/01/1970, pág. 20

dele, a moda *hippie* já vinha desenvolvendo um estilo que desafiava estereótipos de gênero e antecipava o unissex.

E a moda unissex não tardou a desembarcar no Brasil. Em abril de 1970 ela era objeto de um artigo de capa da revista *Realidade*, importante veículo jornalístico da época. Publicada pela editora Abril entre 1966 e 1976, a revista costumava abordar temas polêmicos, inclusive relacionados à sexualidade, influenciada pela contracultura dos anos 1960. Sofreu censura no período militar, e hoje costuma ser considerada uma importante fonte de pesquisa para a vida cultural brasileira no período (Faro, 1998; Moraes, 2007; Pereira, 2015).

O artigo, assinado pela psicanalista e escritora Carmen da Silva (1919-1985), associava a tendência, de forma inequívoca, à emergência de novos padrões comportamentais: 'A moda unissex vem abolir definitivamente os gêneros ultrapassados [...] deixando de pé apenas o essencial, que é o gênero humano'. Tinham ficado para trás os tempos de rigidez, em que 'os homens cediam o assento às mulheres, levantavam-se para cumprimentá-las, tiravam-nas para dançar nos bailes [...]'. Distinguir os gêneros pela indumentária fora importante nessas 'épocas passadas, quando dois códigos diferentes regiam os respectivos comportamentos', mas 'atualmente não há nenhuma vantagem em distinguir os sexos à primeira vista: para que, se somos irmãos gêmeos?' (SILVA, 1970, p.74).

As imagens que ilustram o artigo da revista *Realidade* nos dão uma ideia da proposta: 'pelas roupas já não será possível dizer quem é quem', explica Carmen da Silva (p.74), e de fato o que vemos é uma estética que transita entre os gêneros, ou se mostra indiferente a eles. A ideia de borrar os contornos e literalmente fundir os gêneros fica ainda mais explícita na imagem de capa da revista (Figura 3).

Figura 3: moda unissex em 1970



Fonte: Revista Realidade, ano 5 n.49, abril de 1970

É claro que a tendência dependeria, como a própria Carmen Silva sugere, de um embate social em torno da aceitação desses novos comportamentos. 'Sem dúvida, no mundo ainda tem muita gente [...] apegada ao passado e querendo perpetuá-lo à força', diz a autora. E complementa: 'Não faltarão cocorocas que pretendam manter seus esquemas mentais bem organizadinhos na base de velhos rótulos' (Silva, 1970, p. 74). A aceitação da moda unissex estaria relacionada, nesse sentido, ao grau de consolidação dos novos comportamentos de gênero, e à reação dos segmentos mais conservadores da sociedade em relação a eles.

Moda agênero “para todes”: o unissex dos tempos atuais

Determinados segmentos LGBT têm proposto recentemente novas masculinidades e feminilidades, fazendo uso da moda como elemento de afirmação política. Neste uso, é a moda quem ‘proporciona aos indivíduos e aos grupos os sinais para que eles construam sua identidade. [...] De um ponto de vista histórico, a moda emerge portanto do desmoronamento das estruturas sociais tradicionais e de seus âmbitos normativos’. (GODART, 2010, p. 34-35).

A representação do masculino por meio da figura arquetípica do macho dá lugar à prática de usar itens de moda femininos como forma de fortalecer uma identidade contra-hegemônica que há tempo luta por espaço e visibilidade. O inconformista de gênero conquista espaço, fazendo uso daquilo que Judith Butler (2003) chama de performatividade de gênero. Para esta autora, o gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significado a partir, entre outros elementos, do uso das roupas. Berenice Bento (2006) acrescentará que ‘vestir-se é um dos atos performáticos mais carregados de significados para a construção das performances dos gêneros’ (BENTO, 2006, p. 179).

Trata-se de homens gays que, por meio do uso de roupas, acessórios, cosméticos e demais itens de moda, para além de outras possibilidades de contestação, questionam a sociedade e suas imposições comportamentais. A moda, neste caso, é elemento de contestação e afirmação, por meio de uma postura transgressora e criativa. São homens que, enfrentando a ditadura da moda, decidem questionar o guarda-roupa do homem apropriando-se de peças femininas. Passam a usar saias, vestidos, saltos e demais itens que até há pouco tempo seriam considerados inapropriados ou inaceitáveis mesmo pelos próprios membros da comunidade gay, que, sempre desejosos de aceitação, criavam imagens calcadas na masculinidade prescrita, normativa.

Uma moda que ressalta o espectro de possibilidades entre os polos tradicionais binários masculino e feminino tem fortalecido uma nova masculinidade e novas identidades, resignificando objetos de moda, criando

novos ordenamentos que desafiam seus significados originais e questionando a rigidez de identidades:

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. (BUTLER, 2003, p. 213)

Originária de grupos gays em suas práticas cotidianas, esta moda já começa a encontrar eco no mundo corporativo. Em 28 de junho de 2016, em pleno Dia Internacional do Orgulho LGBT, a conhecida marca brasileira de cosméticos Avon colocou no ar uma campanha publicitária⁵ que dialoga com a tendência. Apropriando-se do mote “para todes” ao invés do feminino “para todas” ou do masculino “para todos”, a marca defende que o produto objeto da campanha – um *BB cream*, creme multifuncional para o rosto – seja usado indistintamente por homens e mulheres, héteros e gays, lésbicas, bis, trans e cis⁶ – enfim, por *todes*, orgulhando-se de ser quem são. A campanha mostra pessoas de diferentes identidades de gênero mesclando de forma livre itens da moda dita masculina e feminina (Figuras 5 e 6). Ainda é cedo para qualquer conclusão, mas pode haver aí um indício de que a indústria de moda esteja disposta a acolher ao menos em parte os códigos de uma nova moda unissex.

Resta saber até que ponto esta moda será de fato considerada palatável pelo mercado, e quais concessões ela terá que (ou será forçada a) fazer. Sua atitude inequivocamente *queer*, esteticamente provocadora, pode incomodar e/ou causar estranhamento aos grupos mais conservadores – algo esperado, já que, evocando um pensamento de Guacira Lopes Louro, o *queer* ‘assume o desconforto da ambiguidade, do *entre lugares*, do indecidível. Queer é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina’ (LOURO, 2004, p. 57).

⁵ Disponível em <https://www.facebook.com/avonbr/videos/10154045296966195/>

⁶ “Bis” refere-se a bissexuais. Cissexual, cisgênero ou simplesmente “cis” são termos utilizados para se referir às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado em seu nascimento. O termo “trans” (abreviatura de transexual e de transgênero) refere-se a pessoas cuja expressão social ou identidade de gênero difere daquela tipicamente associada ao gênero que lhes foi atribuído no nascimento.

Figura 4: Moda “para todes” em 2016, em que cores e acessórios são usados com total liberdade por homens e mulheres cis e trans.



Fonte: avon.com.br

Figura 5: Rapper brasileiro Rico Dalasam



Fonte: <http://adnews.com.br/internet/rico-dalasam-encerra-corrente-da-resistencia-da-tnt.html>

Discussão: o desconforto da imagem *queer*

Mas por que a imagem de moda *queer* “para todes”, da não-conformidade, é potencialmente tão perturbadora? Rogério Diniz Junqueira (2013, 2016), citando Márcio A. Fonseca (1995), nos oferece sinais da resposta. Para estes autores, o padrão da sociedade heterossexual promove violências simbólicas ao exigir que aqueles que se desviam de padrões heteronormativos sejam punidos – inclusive fisicamente – numa tentativa de impossibilitá-los de se constituírem em sujeitos autônomos. Podemos interpretar da mesma forma o incômodo social causado pela imagem de homens vestidos com peças femininas.

A moda tende, como parte que é da sociedade, a colocar a heterossexualidade como padrão nos modos de expressão. Se esse padrão se impõe por toda parte, na forma de vestir não seria diferente. Uma imagem de ideal masculino identitário é imposta, determinando que fatores normalizadores dos corpos e identidades devam ser respeitados.

Cria-se assim um dispositivo de vigilância e controle dos corpos segundo o qual o existir gay pode vir a ser tolerado, desde que siga o processo de hierarquização imposta pelos fatores determinantes de uma matriz heterossexual. Forçam-se princípios rígidos que devem ser seguidos por todos nas formas vestimentares, para que não se sofram marginalizações, privilegiando aqueles que se conformam com a ordem heterossexista.

O incômodo maior viria do desejo não realizado de uma sociedade hetenormativa em silenciar e invisibilizar as diferentes identidades. Há um desejo de marginalização por parte da sociedade heterossexista que submete os indivíduos distoantes, proveniente de uma “pedagogia do armário”, como dito por Rogério Diniz Junqueira. Daí uma dificuldade generalizada em entender e respeitar novas formas de vestir. Segundo o autor:

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos. Tais

processos – pedagógicos e curriculares – produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre meninos e rapazes. (JUNQUEIRA, 2013, p. 485)

A aparência do sujeito *queer* tem como objetivo impor-se de acordo com uma necessidade individual de anseios por autoconhecimento e percepção social. Não apenas como forma de pertencimento, embora esse seja um dos fatores do vestir, mas também como um desafio de convenções e imposições conservadoras.

Dentro da realidade social, a moda é uma manifestação de dois fatores, a socialização e a individualização, pois alimenta o sujeito a ocupar um lugar de pertencimento no todo social ao mesmo tempo que o incentiva a destacar-se dentro deste mesmo todo.

A nova moda agênero, “para todes”, pode ser vista, assim, como um gerador de linguagem desafiante ao conservadorismo atual, e potencializadora do uso político dos signos criados pela vestimenta, sendo desta forma capaz de resistir e ganhar maior espaço. Há nos grupos que a vestem uma força que, embora projetada individualmente, representa a multiplicidade de sexualidades e gêneros de um coletivo. Esses corpos utilizam-se da moda e de todos os seus domínios para provar que não se submetem às imposições sociais de gênero e buscam por expressão.

‘O corpo é um dos canais de materialização do pensamento, do perceber, e do sentir o circundante’ (CASTILHO, p.64). Utilizando do corpo como suporte para a moda, uma nova geração demonstra que limites impostos, conservadores, não cabem mais. A moda é potencialmente usada como instrumento de construção biopolítica, como centro de resistência: ‘os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes’ (PRECIADO, 2004, p. 21). Nesse sentido, negar formas vestimentares hegemônicas caracteriza-se como uma busca de resistência/existência.

Por meio desta forma de moda agênero (moda “para todes”), esses indivíduos expressam um sentimento de poder e acentuação do orgulho *queer*, que para a massa restante pode parecer inadequada apenas por ser diferente.

‘No corpo adornado possuímos mais, [...] somos, por assim dizer, senhores de um domínio mais amplo’ (SIMMEL, 2008, p. 69), o que torna os adeptos da moda “para todes” mais visíveis à sociedade. Eles não usam a moda apenas como ferramenta estética, mas também como uma maneira de contestação e resistência frente ao apagamento de sua existência ou a uma possível volta ao armário⁷; fogem do processo normativo das vestimentas que insiste em impor significados culturais binários aos corpos, e constroem, a partir de uma moda mais fluida, novas identidades sociais e de gênero, distanciando-se do controle dos corpos e aproximando-se do autoconhecimento e da busca pelo respeito. Além da questão de gênero e, este estudo aqui exposto tenta esclarecer que a moda “para todes” tenta romper barreiras dentro das masculinidades apropriando-se do que vestido ao corpo seria ofensivo e os transformando em transgressor.

Considerações finais

De acordo com o filósofo Félix Guattari (1973, apud PRECIADO 2011), estaríamos ‘numa época em que as minorias do mundo começam a se organizar contra os poderes dominantes e contra todas as ortodoxias’. Nesse sentido, a moda “para todes” parece configurar-se como um fenômeno próximo do que foi o unissex dos anos 70, que acompanhava, em boa medida, processos sociais.

Na sociedade atual, segmentos gays têm procurado libertar-se de arquétipos comportamentais masculinos e femininos padronizados, tornando anacrônica a preocupação de “parecer um macho” ou “parecer uma mulher de verdade”. Grupos gays têm se engajado nesse processo também por meio da estética da moda, ao enfrentar a imposição de uma determinada maneira de vestir e escolher uma imagem mais representativa de sua identidade. Alimenta-se assim uma multiplicidade de masculinidades e feminilidades, configurando

⁷ Viver no *armário* é uma expressão que descreve o disfarce ao público da orientação sexual ou identidade de gênero de alguém, ou de si próprio.

uma forma de luta e um meio de libertação dos sujeitos em relação às normas hegemônicas e coerções sociais.

Esse uso da moda como forma de diálogo, entretanto, é construído pelos próprios indivíduos, na criação da própria imagem” e não pela indústria da moda.

A moda “para todes” pode ser vista como parte desse processo.

Referências

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, Guilherme. Estética da existência, resistência ao poder. **Revista Exagium**, Ouro Preto, vol. 1, maio 2008.

CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana. **A moda do corpo, o corpo da moda**. São Paulo, Editora Esfera, 2002.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: tempo de reportagem na imprensa brasileira**. Canoas: RS: Editora da ULBRA, 1998.

FONSECA, Márcio A. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: Educ, 1995.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário. **Revista Cult**. São Paulo. Ano 19 n.6, janeiro de 2016 p. 44.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORAES, Letícia Nunes. **Cartas ao editor: leituras da revista Realidade (1966-1968)**. São Paulo: Alameda, 2007.

PEREIRA, Carolina. O Vestuário nos anos de silêncio. **Anais do 11º Colóquio de Moda**, Curitiba, 2015.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo. N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Beatriz. **Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’**. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 19 (1): 11-20.

SILVA, Carmen. O sexo único. **Realidade**. São Paulo ano 5 n.49, abril de 1970, p.72-77.

SIMMEL, Georg. Filosofia da moda. In: **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa, Edições Texto & Grafia, 2008, p. 21-57.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris. Do movimento homossexual ao LGBT**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

Rapper enfrenta os tabus de ser negro e gay em filme de TNT. Disponível em <<http://adnews.com.br/internet/rico-dalasang-encerra-corrente-da-resistencia-da-tnt.html>>. Acesso em 20 jun 2017.